

MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL: ENTRE A CRISE DE TUTELA E OS DESAFIOS DA EXPOSIÇÃO.

IGOR URIEL DE CARVALHO PIÑEIRO¹; MARCELO LOPES LIMA²; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas - urieligor@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - marcelo-adm@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A sede do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM) localiza-se na Vila Maciel, 8º distrito do município de Pelotas. Seu escopo é ser um *lugar de memória* da imigração italiana e sua descendência no espaço rural da Serra dos Tapes, em território que abrange domínios atuais Pelotas, Canguçu e Morro Redondo. Criado em 2006, resulta de projeto de pesquisa (2000 e 2002) desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas - LEPAARQ/UFPEL, focado na imigração italiana na região. Em 2004, o LEPAARQ apresentou e aprovou o projeto do museu na Consulta Popular – Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A Prefeitura Municipal de Pelotas cedeu o prédio da escola Garibaldi (1929). O museu abriu suas portas em 04 de junho de 2006. Desde a inauguração, dividia-se entre três núcleos: a sede (setor expositivo, Reserva Técnica de objetos de pequena dimensão e espaço administrativo); a Reserva Técnica de objetos de grandes dimensões, a 50m da sede; e uma unidade de apoio no LEPAARQ (Reserva Técnica de fotografias, computadores com acervos digitalizados, espaço de trabalho para os bolsistas). Em 27 de fevereiro de 2017 ocorreu o grande sinistro na sede, cujas consequências nos deixam ainda perplexos: desabou o telhado. Para superar o impacto deste, qual uma catarse, mas com fito educativo, a equipe concebeu a exposição “Memória em Três atos: desafio e superação de um museu de imigração italiana”, dividida em três salas, e aberta ao público em outubro de 2017, possibilitando ao público o acesso ao acervo doado pela comunidade. A exposição faz referência a *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, que também instrui sobre a tradição literária italiana. Assim como a exposição, divide-se em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Metaforicamente, a 1ª parte (1ª sala do percurso expositivo) representa a queda do telhado sobre a coleção exposta; a 2ª (2ª sala) representa a recuperação do acervo, desde a retirada do local na colônia junto aos escombros, transferência para o Campus II-ICH, em local destinado oficialmente, e o conjunto de procedimentos emergenciais de conservação/restauração das peças, por parte de equipe interdisciplinar (museólogo Marcelo Lima, conservadora Vera Casaubon, historiador Cristiano Gehrke, acadêmicos voluntários de História e Conservação/Restauração); a 3ª parte (3ª sala), metáfora do paraíso, mostra situação ideal, com objetos em estado adequado de conservação, após medidas aplicadas sobre estes – como estão expostos, ilustram possibilidades temáticas de interpretação e extroversão do acervo (e.g. esferas da religião e casamento, do trabalho e organização social dos imigrantes italianos (especialmente, a cultura do vinho). A abordagem da exposição traz questões museológicas e antropológicas em três enfoques, com curadoria de Fábio Vergara Cerqueira e Cristiano Gehrke, e responsabilidade técnico pelo acervo do museólogo Marcelo Lima. Acertos e compromissos firmados entre a equipe do museu e o responsável pela Secretaria Municipal de Cultural - SECULT definiram a abertura ao público da exposição em

três salas do Casarão 6 (Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas) Segundo fala do Secretário Municipal de Cultura, propiciava-se também a abertura do prédio ao público, visto que a implantação do Museu da Cidade, a que se destinará este prédio, não tem previsão no curto e médio prazo. Assim funcionou de outubro de 2017 até início de 2019. Seu escopo foi problematizar o desabamento do detalhado, colocando em debate a fragilidade do patrimônio cultural frente a eventos de catástrofes, naturais ou não, como incêndios e enchentes. Também propunha apresentar em linguagem expográfica procedimentos de salvaguarda aplicados ao acervo, enquanto o prédio da Vila Maciel ficou desativado, informando o público sobre procedimentos de conservação e restauro dos objetos, com fotografias e ferramentas usadas no trabalho. No primeiro semestre de 2019, em reunião junto ao Ministério Público do Rio Grande do Sul, com representantes da UFPel e SECULT, firmou-se compromisso, por parte da UFPel, de manter o acervo disponível à visitação pública por meio da atuação de discentes e docentes, e, por parte da Prefeitura Municipal, de manter o espaço das três salas na Casa 6 disponível para a exposição e aberto ao público. Paradoxalmente a este compromisso, desde março de 2019 a exposição ficou (e ainda está) fechada ao público. À equipe técnica foi informada, de forma oral, que se deveu a ordem dos bombeiros. Acabou resultando em anulação do propósito do museu, impossibilitando seu funcionamento, até que a prefeitura, detentora legal da tutela do prédio em que a exposição está instalada, faça as alterações necessárias pedidas pelos bombeiros, para retomar a exposição. Desde março do presente, a equipe pergunta sobre previsão para reabertura. Inicialmente, seria resolvido no mês seguinte. Agora, não há previsão. Afirma-se sempre haver outras prioridades, como se não houvesse o compromisso oficial assumido. Ademais, carece-se de comunicação ágil e clara sobre a situação, para se poder planejar.

Uma discussão importante: o modelo de gestão. Baseia-se na tutela compartilhada entre três parceiros, UFPel, Prefeitura Municipal e a comunidade: a última, responsável pela doação do acervo; as outras duas, pela manutenção do museu, ou seja, mantê-lo em funcionamento, acessível ao público, com pesquisa e ações educativas. A UFPel mantém há mais de vinte anos projeto de extensão relativo ao museu e acervo. Estudantes atuaram como bolsistas de extensão e pesquisa. Promoveram-se exposições e passeios, ensejando a milhares visitarem a exposição, que faz uma *mise en valeur* da paisagem cultural colonial. Desde 2008, a universidade apoia o deslocamento da equipe até o museu. A prefeitura, além da cedência do prédio, intermitentemente apoia a limpeza do terreno e a colocação de placas de sinalização. Quando do sinistro, no verão de 2017, mobilizou-se entre as instituições uma cooperação paradigmática: quanto aos procedimentos de proteção das estruturas físicas do prédio e do acervo, por parte da UFPel (na figura do Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento, Prof. Otávio M. Peres); e quanto à elaboração de projeto de restauro do prédio, por parte do setor técnico da SECULT (na figura da arquiteta Liciane Almeida). Após este momento, em que ambas instituições chamaram para si suas responsabilidades, frente à comunidade e ao Ministério Público, entendemos, com base na experiência diária, que colapsou o modelo de parceria, que funcionara por mais de quinze anos. A comunidade de descendentes, habitantes da colônia ou da área urbana, diante desta situação, mudou sua postura. Em 2017, expressou confiança ao ver as rápidas medidas tomadas pelas instituições parceiras, com vários resultados: recuperação do acervo; procedimentos de sustentação para não desabamento do edifício; exposição na Casa 6; conclusão do projeto de restauro em 2018. Não se sentiram desamparados. Contudo, desde

o fechamento da exposição em março, e passados meses sem qualquer movimentação para resolver o problema do fechamento por parte da Prefeitura, a comunidade local começou a manifestar pela primeira vez insatisfação com a situação. A crise de compromisso não se dá apenas por parte da Prefeitura Municipal. A UFPel conta com um setor bem estruturado e ativo, a Rede de Museus / Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que apoia solidamente projetos museológicos da instituição. No entanto, após várias solicitações por parte da coordenação deste projeto, para uma mediação junto à SECULT, feitas diretamente à coordenação da rede e expressas em reunião desta, a equipe não obteve o mínimo apoio. No momento, diante do fechamento do prédio, a história e memória de seus antepassados deixa de ser transmitida, pois o museu, que oficialmente deveria estar aberto ao público no espaço central da cidade, consoante acordo público firmado entre as partes, está incapacitado de receber visitantes, até que o detentor da tutela legal do prédio resolva o problema. Neste fórum de divulgação da Extensão da UFPel, é de praxe se comunicarem bons resultados. No entanto, o escopo desta comunicação é evidenciar a crise de modelo de gestão, quando as autoridades responsáveis nas instituições parceiras não mais cumprem a contento os compromissos acordados. Objetivamos evidenciar este conflito de tutela e a falta de atenção à memória das comunidades. Fazemos um apelo. Que se instaure comunicação ágil e eficiente com a equipe, por parte do setor municipal responsável, sobre as causas do fechamento e previsões de reabertura. Que a Rede de Museus assuma seu papel de mediadora junto a instituições parceiras, em momento de crise nas relações institucionais de parceria. Que as medidas necessárias para o funcionamento da exposição sejam tomadas, como a resolução das pendências legais junto aos bombeiros e cuidados com a segurança básica para a reabertura da exposição.

2. METODOLOGIA

A equipe mantém o acervo e ambiente higienizado à espera da reabertura. A cada duas semanas, desde o fechamento, um membro da equipe pergunta à SECULT sobre previsão de reabertura e encaminhamentos. Não se cumpriu a previsão inicial para junho. Agora, não há previsão. Com comunicação mais clara e apoio mais efetivo do setor competente da UFPel, a equipe poderá estabelecer planejar para que o acervo retome seu papel social e educativo de estar acessível ao público. Possíveis soluções: mudança de local; nova exposição; exposições em dias determinados na rua, onde a comunidade terá fácil acesso às mediações da equipe para sanar dúvidas sobre o acervo e fechamento do museu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2018, a exposição na Casa 6 integrou todos eventos referentes a museus, promovidos pela Rede de Museus da UFPel e SECULT, mobilizando sua equipe para solidariamente contribuir com seu sucesso (e.g. Dia do Patrimônio, Primavera de Museus), comparecendo número considerável de visitantes. Centenas foram conhecer um pouco da história rural da cidade e de seus imigrantes. Realizamos o “Museu Vai à Escola”, idealizado pelo museólogo Marcelo Lima, programa de educação patrimonial focado em ações propostas a escolas públicas de Pelotas. Paralelamente, a equipe realizou pesquisa de público, qualificando a percepção do impacto de nossas mediações. Em 2019, a exposição não pôde participar desses eventos, devido ao fechamento do prédio. Mesmo assim, nos primeiros meses do ano, a equipe colaborou na organização de passeios culturais e visitação de museus na Serra dos Tapes. Poderíamos,

entretanto, ter realizado mais atividades alternativas. Mas não estávamos em condições de as propor, pois confiávamos na reabertura do espaço, conforme previsão inicial que nos fora comunicada. Não cruzaremos os braços, tendo em vista a confiança em nós depositada, ao longo de duas décadas, pela comunidade ítalo-descendente da Vila Maciel e arredores. Com o alerta feito aqui por meio dessa comunicação, queremos conclamar para novas medidas, novas soluções, que possam nos demover da inércia que nos tem sido imposta. Vale lembrar: temos o projeto de restauração e requalificação do prédio sede do museu, na Vila Maciel, elaborado competentemente por arquiteta do setor técnico permanente da SECULT. Aguarda-se a captação de recursos, para a qual se precisa contar com o empenho das duas instituições parceiras, para colocar esta meta em prioridade, o que em momento algum foi expresso por qualquer uma das entidades. A crise do modelo expõe a necessidade de retomada do protagonismo da comunidade, sem dúvida alguma, a medida mais eficiente e legítima.

4. CONCLUSÕES

A equipe – docentes, técnicos administrativos e estudantes (voluntários e bolsistas) – busca alternativas para contribuir com a comunidade e superar adversidades. Em 2017, uma resposta rápida ao sinistro foi possível por meio de procedimentos novos, adaptados a uma nova realidade. O colapso do modelo de tutela é nossa nova realidade e exige de nós novas soluções. A exposição temporária (mas de longa duração) que se mantém (ou mantinha?) na Casa 6 (“Memória em Três Atos: desafios de superação de um museu de imigração italiana”), em seu nome indica a forma como o projeto responde aos problemas: superação. Concluímos que a exposição deve voltar a funcionar ainda este ano, mesmo que em local diferente ou até na rua, a depender da resposta da SECULT e da cooperação que a Rede de Museus se dispuser a ter com o Museu da Maciel. Deve-se ressaltar, a parceria entre UFPEL e Prefeitura Municipal por muitos anos permitiu a própria existência dos museus (pensando no Museu da Maciel e no Museu da Colônia Francesa, que enfrenta dificuldades análogas). Mas neste ano a situação ficou insustentável, frustrando resultados do museu e seus projetos. Esses próprios imprevistos, lembremos, podem gerar uma nova exposição, não só evidenciando os procedimentos de segurança, como na exposição “Memória em Três Atos”, mas igualmente musealizando a crise do modelo de tutela, aqui problematizada. Há também a possibilidade de o próprio museu ir às pessoas, como no “Museu vai à escola”, que leva conteúdo de um museu a estudantes e educadores de escolas públicas. Tudo isto para amenizar o impacto desse conflito de tutela e contemplar a comunidade que está na raiz deste projeto. A decisão pode ser, também, o fechamento do museu.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUEIRA, F.V; PEIXOTO, L.S; GEHRKE, C. **Museu e Identidade**: o projeto da Colônia Maciel. In Foro Latinoamericano: Memória e Identidad. Montevideo, 2008

NEIS, F. **A Cultura Material e a História Oral dos Ítalo-Pelotenses no Museu Etnográfico da Colônia Maciel**. Pelotas: UFPel, 2014 (TCC História – UFPel)

PEIXOTO, L. da S. Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas. Pelotas: UFPel, 2003 (TCC História – UFPel)

STONE, R. H. et al. **Pesquisa de Público na Exposição do desastre do Museu Etnográfico da Colônia Maciel**. Pelotas: UFPEL, 2018 (CIC 2018)